

PROBLEMATIZANDO O TRABALHO COM POEMA NO ENSINO REMOTO

*Syler Jean Vieira Alves Nogueira*¹

*Sílvia de Fátima Pilegi Rodrigues*²

Eixo temático: 10. Alfabetização e ensino remoto: desafios, aprendizados e perspectivas

Resumo: O objetivo é problematizar alguns aspectos pertinentes à leitura no processo de alfabetização no que concerne ao trabalho com literatura infantil, seus desafios e implicações do ensino remoto. A discussão se desenvolve em torno de uma atividade dirigida a uma turma de 2º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública municipal de Primavera do Leste, em Mato Grosso. A proposta de trabalho com as crianças se desenvolveu em torno do fragmento do poema “Bola de gude”, de Ricardo Azevedo (2012), que foi tomado como objeto de análise. Entende-se que a leitura e a literatura infantil podem contribuir para a formação humana, contudo, a utilização de recortes de textos, particularmente os literários, pode acarretar a incompreensão da linguagem literária e desinteresse por esse tipo de gênero, além de outras consequências e prejuízos à formação leitora. O referencial teórico se pauta em Rodrigues, Souza e Bertoldo (2018), Rodrigues e Souza (2020), Saviani e Galvão (2021) e Yunes (1995).

Palavras-chave: Leitura; literatura infantil; poema; ensino remoto; alfabetização.

Introdução

O processo educativo envolve práticas, instrumentos, mecanismos, interlocuções e intencionalidades que constituem e engendram as relações que se estabelecem nas interações educativas. Uma de suas características é a complexidade

¹Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Rondonópolis. Integrante do grupo ALFALE. Professora da Educação Básica do Município de Primavera do Leste - MT. Contato: syler.alves@gmail.com

²Professora Doutora da Universidade Federal de Rondonópolis, Programa de Pós-graduação em Educação. Integrante do grupo ALFALE. Contato: silvia.pilegi@ufr.edu.br

Em se tratando da docência, atualmente à atuação pedagógica foi adicionado um ingrediente impensável em outros tempos: o ensino remoto emergencial devido à pandemia decorrente da doença respiratória causada pelo coronavírus (SARS-CoV-2).

Nesse contexto e como medida paliativa instalou-se ensino remoto emergencial ou híbrido. O que era para ser um recurso provisório e passageiro atravessou o ano de 2020 e perdura por 2021, com muitas críticas, discussões e polêmicas.

Saviani e Galvão (2021) são contundentes ao expor a falácia do ensino remoto. Os autores argumentam que há um discurso falacioso e antidemocrático, que é recorrente na sociedade, em que se atribui à adesão a essa forma de ensino devido à falta de alternativas para manter o vínculo entre os estudantes e a escola, frente à suspensão das aulas presenciais. Esse discurso desconsidera a realidade objetiva da comunidade escolar, principalmente dos estudantes e professores, acarretando sérios prejuízos à educação pública brasileira.

Some-se a isso o fato de que a maior parte dos pais e responsáveis não tem (ou não tinha) preparo ou formação para ensinar. Quanto aos professores, esses não receberam com antecedência formação específica para o trabalho por meio de plataformas digitais que, para a maioria, sequer integravam o cotidiano escolar ou o rol de ferramentas que utilizavam em suas práticas.

Reconhecemos que o cenário é complexo e as respostas não são únicas. A questão é desafiadora, principalmente se considerarmos a alfabetização que vem se processando em contexto tão caótico e de precarização das condições de ensino e de aprendizagem, agora em lares que carecem de equipamentos apropriados, internet, livros e materiais de apoio, além de espaços adequados para quem ensina e para aqueles que aprendem.

Embora não nos proponhamos à polarização entre ofertar ou não ensino remoto, ainda que emergencial, buscamos com este texto problematizar alguns aspectos pertinentes à leitura no processo de alfabetização no que concerne ao trabalho com literatura infantil, seus desafios e implicações do ensino remoto. Para tanto, trazemos para a discussão uma atividade dirigida a uma turma de 2º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública municipal de Primavera do Leste, Mato Grosso.

2 Leitura e literatura infantil – alguns apontamentos

É discurso corrente que vivemos em uma sociedade centrada na escrita. Basta correr os olhos ao redor e encontramos embalagens e rótulos, panfletos, letreiros, placas, outdoors, revistas, livros, mensagens no celular, dentre muitas outras manifestações escritas e suportes textuais.

Nesse contexto, não dominar as ferramentas de leitura e não ser alfabetizado é enfrentar desafios diários contra a exclusão. Em se tratando de acesso ao texto literário, em um país tão desigual quanto o Brasil, só aprofunda o distanciamento social e econômico aos bens de consumo e culturais. Como argumenta Soares:

[...] à medida que o analfabetismo vai sendo superado, que um número cada vez maior de pessoas aprende a ler e a escrever, e à medida que, concomitantemente, a sociedade vai se tornando cada vez mais centrada na escrita (cada vez mais grafocêntrica), um novo fenômeno se evidencia: não basta aprender a ler e a escrever. As pessoas se alfabetizam, aprendem a ler e a escrever, mas não necessariamente incorporam a prática de leitura e da escrita, não necessariamente adquirem competência para usar a leitura e a escrita, para envolver-se com as práticas sociais de escrita... (1998, p. 45-46)

Nesse sentido, a leitura é um dos caminhos pelo qual se constrói saberes, formula hipóteses, projeta expectativas que vão tecendo e entrelaçando os fios constituintes do ato de ler e do letramento. Assim, alfabetização, leitura e literatura infantil têm se implicado mutuamente. Como explica Zilberman, a difusão da escolarização se entrelaça com a expansão e diversificação da literatura infantil.

[...] a escola participa do processo de manipulação da criança, conduzindo-a ao respeito da norma vigente, que é também a da classe dominante [...]. a literatura infantil, por sua vez, é outro dos instrumentos que têm servido à multiplicação da norma em vigor. (2009, p. 23)

Porém, como provoca Zilberman, “a escola e a literatura podem provar sua utilidade quando se tornarem o espaço para a criança refletir sobre sua condição pessoal” (2009, p. 24). Nessa direção, muitos escritores e ilustradores têm feito obras que rompem com as perspectivas doutrinadoras e utilitaristas que estiveram (e ainda persistem) tão presentes na produção de livros voltados para a infância.

Os livros infantis brasileiros têm possibilitado a construção de leitores críticos e autônomos. Críticos, pois a eles compete compreender para além do texto literal, fazendo relações com a época histórica em que a obra foi escrita, com o/os autor/es e com as imagens que, muitas vezes, falam mais do que o texto verbal. Autônomos, porque se espera que o leitor tenha liberdade de escolha. Escolher o livro, o gênero textual que aprecia e, até mesmo, decidir ler toda obra de um determinado autor, por gostar de seu estilo, são ações que elevam o sujeito que lê para o "status" de autônomo. (RODRIGUES; JUNQUEIRA, 2020, p.184)

Com a expansão do mercado editorial e das tecnologias digitais e comunicacionais, adultos e crianças podem ter acesso a muitos materiais para a leitura, incluindo obras literárias. Nesse sentido, a formação leitora assume papel central – o que inclui a necessidade de olhar atentamente para o professor no que se refere à sua formação e prática leitora, bem como seu trabalho para a educação daqueles que estão sob sua responsabilidade profissional.

Se temos o compromisso com a formação do leitor literário sensível, crítico e proficiente temos que nos preparar para os enfrentamentos que a realidade nos coloca, apoiados pela fruição estética, o diálogo e as trocas de experiências de vida que a literatura infantil pode oferecer. (RODRIGUES; JUNQUEIRA, 2020, p.197)

A leitura e as condições para o seu fomento passam também pela formação docente e suas condições de trabalho. Nesse quadro que vai além dos muros da escola, vale retomar a problemática da adesão ao ensino remoto apresenta por Saviani e Galvão (2021, p. 38), que enfatizam: “a ‘falta de opção’ não foi a inexistência de possibilidades, mas uma escolha política”.

Dentro dessa “escolha política” e forte pressão popular e econômica, a duras penas o ensino remoto vem acontecendo. O contexto é diverso e complexo, permeado por rupturas e incertezas mediante a ausência de políticas públicas que considerem as condições socioeconômicas de professores, alunos e suas famílias no que se refere a recursos tecnológicos, autonomia, habilidade ou preparo para lidar com esses recursos, acompanhamento das famílias, estrutura para o desenvolvimento do trabalho docente, suporte institucional ofertado ao ensino... enfim, são inúmeras situações que deveriam ser debatidas com quem está mergulhado nesse processo educativo.

3 Reflexões em torno de uma proposição a partir do poema “Bola de gude”

Nesta seção, analisaremos uma proposta de leitura planejada e destinada de forma remota a uma turma de 2º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública municipal de Primavera do Leste, no estado de Mato Grosso. Para tanto, iniciaremos apresentando o poema “Bola de gude”, que consta no livro “Dezenove poemas desengonçados”, de Ricardo Azevedo (2012), publicado pela editora Ática.

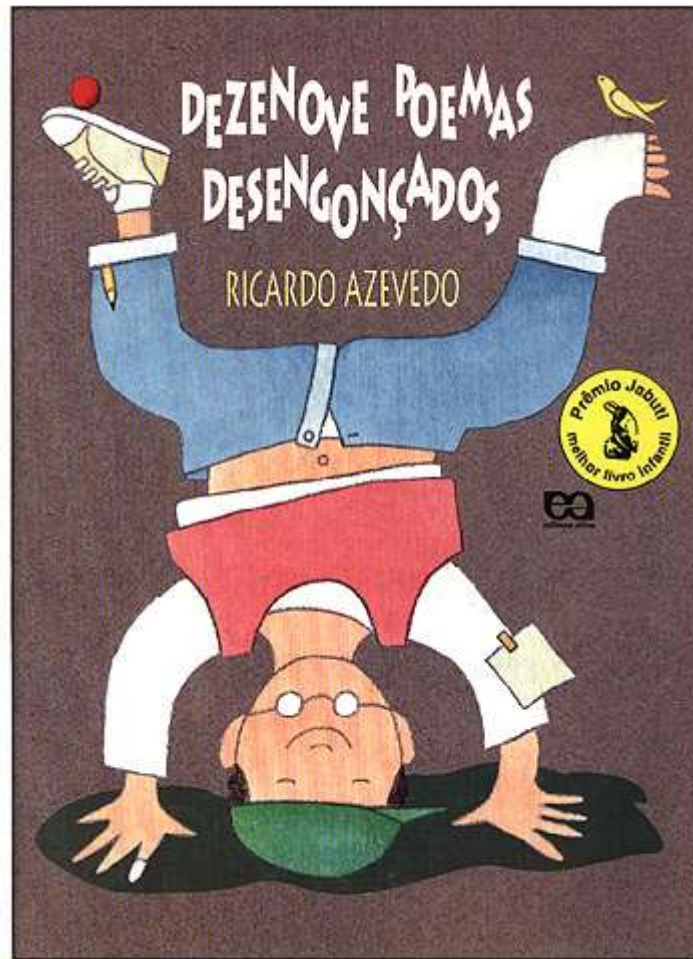
A capa do livro tem o fundo marrom, em que observamos o título no topo e, logo abaixo, uma pessoa de cabeça para baixo e com as mãos sobre uma superfície verde, “plantando bananeira”. Como consta na sinopse do livro:

Já pela capa se vê que este é um livro muito moleque – talvez o mais moleque de todos os que Ricardo Azevedo já escreveu e ilustrou.

Mas assim que começar a ler, você vai perceber também que os 19 poemas aqui reunidos nada têm de desengonçados. Pelo contrário: por trás da peraltice e da singeleza dos versos existe um trabalho cuidadoso com palavras e imagens que estimula a reflexão sobre temas muito importantes para a nossa vida.³

³ Disponível em <http://www.ricardoazevedo.com.br/livro/dezenove-poemas-desengoncados/>. Acesso 17/07/2021

Figura 1 – Capa do livro “Dezenove poemas desengonçados”



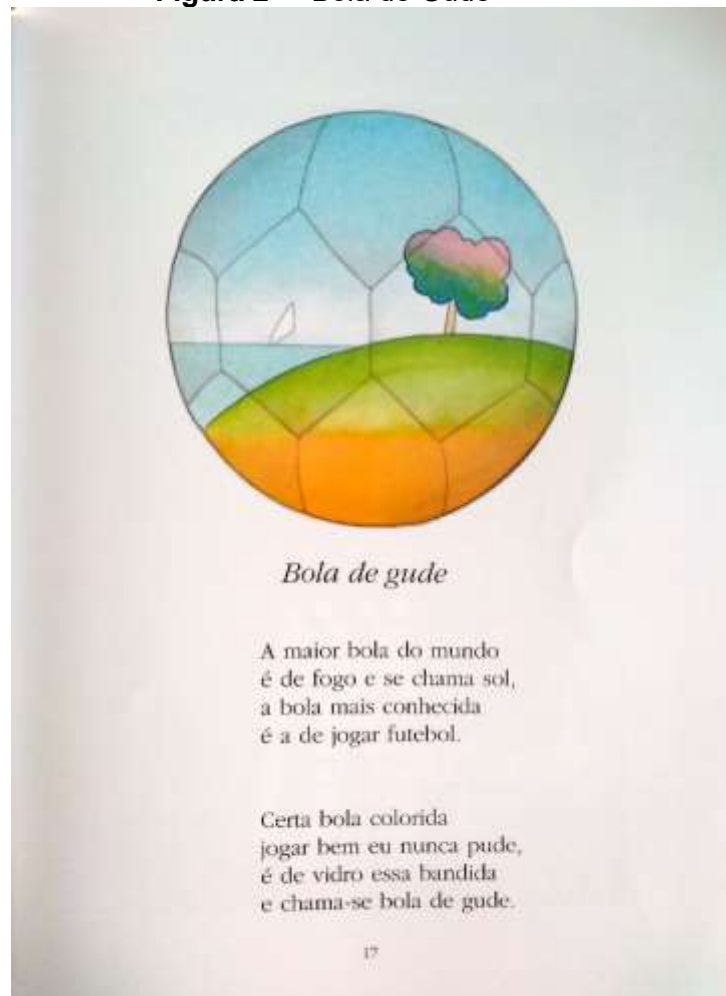
Fonte: Azevedo (2012)

Todas as ilustrações que compõem o livro são do próprio autor, que é escritor, ilustrador e pesquisador. Ricardo Azevedo tem diversos prêmios, dentre eles o selo de “Livro altamente recomendável” para várias obras suas, dentre as quais se inclui “Dezenove poemas desengonçados” - que também recebeu, em 1999, o Prêmio Jabuti (conquistado diversas vezes pelo autor). É importante destacar que essa obra compõe o acervo formado por vários títulos distribuídos pelo Ministério da Educação às escolas públicas brasileiras por meio do Programa Nacional do Livro Didático para a Alfabetização Na Idade Certa (2013).

Não iremos aqui discutir a obra toda. Nós nos restringiremos ao poema “Bola de gude”, que consta na página 17.

Ao tematizar diversas bolas, Azevedo faz alusão ao planeta Terra e à bola de futebol, com suas costuras; percebe-se também um aspecto de vidro. Esses elementos possibilitam ao leitor fazer inferências sobre os sentidos implícitos e explícitos no texto e na ilustração.

Figura 2 – “Bola de Gude”



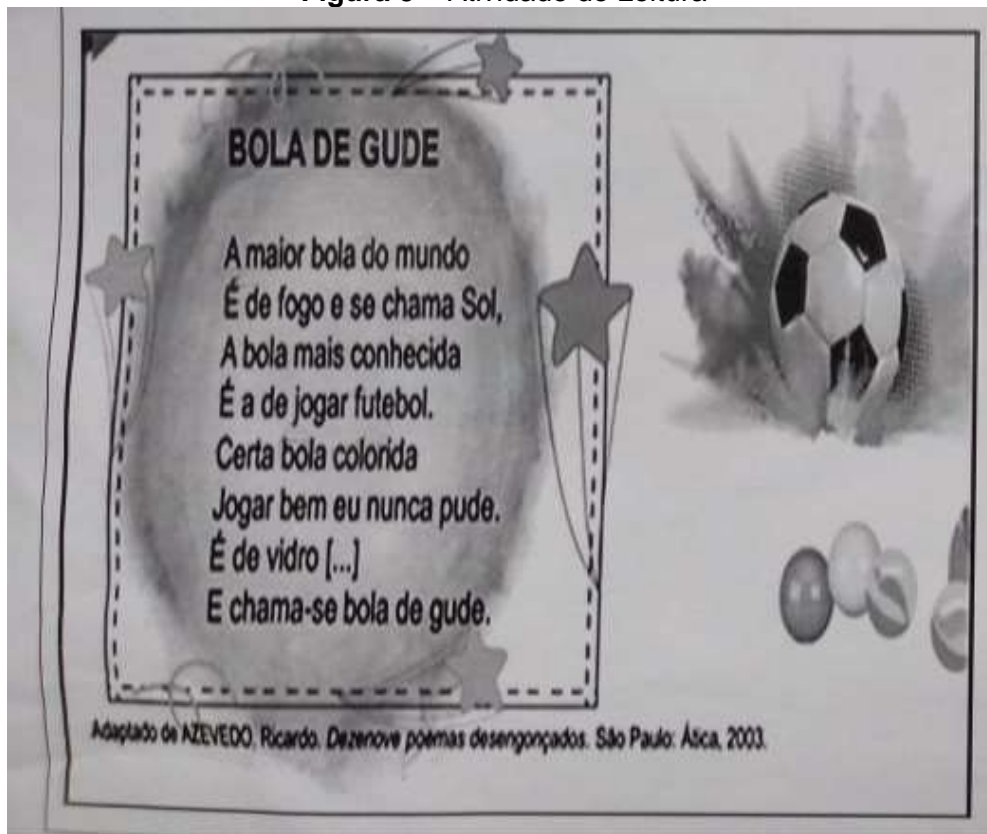
Fonte: Azevedo (2012, p. 17)

O poema é composto por duas estrofes com quatro versos cada uma. A primeira quadra apresenta rima no segundo e quarto versos (sol/futebol); já o arranjo rítmico da última quadra é: abab (colorida/bandida e pude/gude).

O gênero revela uma linguagem poética e é uma arte que dialoga com os aspectos afetivo, cognitivo e corporal, pois, como pontuam Rodrigues, Souza e Bertoldo (2018, p. 168) “[...] o poema, apesar de seguir certa ordem estrutural estética, permite-se jogar com as escolhas lexicais e fazer uso da sonoridade, cadência e ritmo para explorar, pela função poética da linguagem, recursos musicais possíveis”. Desse modo, as possibilidades de apreciação estão relacionadas ao brincar com as palavras.

Não é nosso objetivo analisar a obra de Azevedo, mas sim refletir sobre uma atividade proposta a alunos do 2º ano: fragmento do poema “Bola de gude”.

Figura 3 – Atividade de Leitura



Fonte: Material recolhido pelas autoras (2020)

Ao comparar o poema original com a sua reprodução verifica-se que:

- A estrutura poética foi corrompida, pois não é mais perceptível a organização em duas quadras;
- A rima e o jogo melódico foram comprometidos, visto que a expressão “essa bandida” foi suprimida, substituindo-a por colchetes e reticências;
- A ilustração de Azevedo, que possibilita tantas inferências, está ausente. Em seu lugar constam estrelas, uma bola de futebol e bolas de gude, todas em preto e branco;
- Alterações quanto ao uso das letras minúsculas e maiúsculas, bem como no emprego de vírgula.

Nessa proposição de leitura, ocorreu a descontextualização da obra, e ao contrário do que é informado na parte inferior, o que se apresenta não é uma adaptação do poema, mas sim um flagelo de texto. Alguns estudantes e suas famílias não compreenderão que os colchetes e as reticências significam partes que foram suprimidas, uma vez que não consta nenhuma explicação a esse respeito na atividade entregue aos alunos.

Apesar de o livro “Dezenove poemas desengonçados” ter sido entregue às escolas entre os anos de 2013 e 2014 e, portanto, compor os acervos escolares, não podemos afirmar

que a docente poderia ter utilizado a obra de Azevedo ao invés de capturar a atividade da internet. Não temos dados sobre a disponibilização das obras aos professores da escola em que ela atua. Entretanto, é necessário problematizar a apresentação de fragmentos de textos, principalmente poéticos, a estudantes que, geralmente, não terão acesso à obra integralmente.

4 Problematizações, ponderações e discussões

O material em análise foi proposto para ser realizado pela criança em seu lar, pois, devido à pandemia, o ensino em Mato Grosso até o momento (julho/2021) tem ocorrido remotamente. Algumas redes de ensino orientam seus profissionais para a realização de atividades síncronas (envolvendo aulas e/ou orientações individuais com a utilização de plataformas digitais ou aplicativos de conversa) e assíncronas (incluindo entrega de textos impressos, vídeos capturados da internet ou produzidos pelas próprias docentes, utilização de livro didático, dentre outras possibilidades). É nesse contexto que a professora do 2º ano entregou aos alunos essa atividade de leitura.

Não há dúvidas de que o objetivo de formar leitores está presente em muitos documentos escolares e na formação e atuação docente. No entanto, a intenção expressa em tais documentos e as realidades vivenciadas por estudantes e professores podem estar em descompasso.

Precisamos nos indagar sobre nossas condições de trabalho, opções teóricas, metodológicas e estratégias que usamos. Ao escolher o fragmento de um poema pelo fato de a atividade já estar pronta, ter ficado mais curta para a leitura, dentre outras motivações, pode impactar na forma como a pessoa vai compreender o gênero textual, se vai se interessar pela leitura de outros textos daquele autor ou de outros. No caso do poema, o leitor pode achar que é um gênero sem sentido, tolo e inútil, pois não foi possível captar a tecitura da composição da linguagem literária. Se a docente teve ou não acesso ao livro de Azevedo não temos informação, mas, em uma pesquisa rápida pela internet, encontramos facilmente “Bola de gude” completo e corretamente estruturado.

A circulação e o manuseio de textos autênticos e com repertório variado necessita adentrar e fazer parte do contexto escolar e lares brasileiros.

O problema transborda da escola para a sociedade onde a prática da leitura é automatizada, limitando-se a letreiros, alguns avisos – ignorados imperceptível ou deliberadamente - e, na rotina, passa sem ter maiores efeitos sobre a vida cotidiana. A leitura, que rasgaria horizontes, permitiria o sobrevoo, das circunstâncias e colocaria a informação a serviço da vida pessoal e social, se embota com o pragmatismo dos "deciframentos" [...]. (YUNES, 1995, p.190)

Muitos professores lançam mão de capturar textos da internet para desenvolver atividades de leitura, fazendo uso de variados recursos para elaborar seus planejamentos. Essa estratégia tem sido recorrente Brasil afora, conforme pode ser observado no gráfico a seguir, elaborado pelo “Coletivo Alfabetização em Rede” (2020), a partir de dados coletados para uma investigação sobre o ensino remoto durante a pandemia da COVID-19.

Gráfico - Recursos utilizados no planejamento



Fonte: Coletivo Alfabetização em rede (2020, p. 194)

Diante dos dados apresentados, surgem alguns questionamentos: que tipo de texto os professores selecionam para as proposições de ensino e aprendizagem? Quais critérios são utilizados? A escolha se pauta na brevidade dos textos (mesmo que signifique a fragmentação) ou a integralidade deles?

Em se tratando de obras literárias, outras preocupações se somam, pois fragmentar textos é prejudicial ao apresentar para a criança algo desconexo, comprometendo sua beleza rítmica, o jogo de palavras e figuras de linguagem, a rima e a estrofação, assim como implicando na formação literária das pessoas que, devido a fatores variados, não têm acesso ao texto integral e em seu suporte original.

5 Considerações Finais

Ao considerarmos as diferentes situações em que se realiza o trabalho docente e a aprendizagem discente, diante da reclusão imposta pela pandemia, nós – professores e estudantes – estamos enfrentando desafios diversos. As condições precárias nas quais vem

se dando o chamado ensino remoto emergencial são denunciadas diariamente e não é possível fechar os olhos achando que tudo vai passar e a normalidade se instalará como num passe de mágica proferido por algum ministro desavisado, ou por um governante mal-intencionado.

Com a precariedade histórica de muitas escolas públicas (que antecede a pandemia) e as condições do ambiente doméstico de muitos brasileiros (incluindo os professores), atividades prontas disponíveis na internet acabam se constituindo como principal recurso de captura de materiais para o planejamento e fazer pedagógico. Contudo, é necessário que o professor estabeleça critérios consistentes, pesquise, estude e colete materiais que mantenham a integralidade e coerência dos textos.

Referências

AZEVEDO, R. **Dezenove poemas desengonçados**. São Paulo: Ática, 2012

COLETIVO ALFABETIZAÇÃO EM REDE. Alfabetização em rede: uma investigação sobre o ensino remoto da alfabetização na pandemia COVID-19 - relatório técnico (parcial). **Revista Brasileira de Alfabetização**, n. 13, 2020, p. 185-201. Disponível em: <http://revistaabalf.com.br/index.html/index.php/rabalf>. Acesso 25 jun. 2021

RODRIGUES, S.F.P.; SOUZA, R.J. Tabus e temas polêmicos – a literatura infantil e juvenil sob censura. **Caderno de Letras**, n. 38, p. 183-199, 2020. Disponível em <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/cadernodeletras/article/view/19173>. Acesso 07/07/2021

RODRIGUES, S.F.P.; SOUZA, R.J.; BERTOLDO, S.R.F. Estratégia de leitura – reflexões e proposições a partir do livro didático. In: NOGUEIRA, G.M.; MICHEL, C.B. (Orgs.). **Leitura, livros e leitores em diferentes contextos**. Coleção Cadernos Pedagógicos da EaD, v. 30. Rio Grande: EdFURG, 2018, p. 155-185. Disponível em https://sead.furg.br/images/cadernos/Novos/Cadernos/VOLUME_30_COMPLETO.pdf. Acesso 07/07/2021

SOARES, M. **Letramento** - Um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Ceale/Autêntica, 1998

SAVIANI, D.; GALVÃO, A.C. Educação na pandemia: a falácia do “ensino” remoto. **Universidade e Sociedade** – Pandemia da COVID-19: trabalho e saúde docente. Brasília: ANDES – SN, n. 67, jan. 2021, p. 36-49. Disponível em: https://www.andes.org.br/img/midias/66ab954ec8f021a1b9ee3f68b131266d_1611672555.pdf. Acesso 28/06/2021

YUNES, E. **Pelo avesso**: a leitura e o leitor. *Letras*, n. 44, p. 141-150, 1995. Disponível em: https://social.stoa.usp.br/articles/0037/3051/Leitura_e_leitorYUNES.pdf. Acesso 05/07/2021

ZILBERMAN, R. **A literatura infantil na escola**. 12. ed. São Paulo: Gaudí Editorial, 2009